

**organização:**

**Luciana Brito**

**Sônia Maria Dechandt Brochado**

**Fábio Antonio Gabriel**

# **PESQUISAS EM LINGUAGEM**

**interfaces linguísticas, literárias e culturais**

**EDITORA MULTIFOCO**

Simmer & Amorim Edição e Comunicação Ltda.  
Av. Mem de Sá, 126, Lapa  
Rio de Janeiro - RJ  
CEP 20230-152

**CAPA E DIAGRAMAÇÃO**

Guilherme Peres

**Pesquisas em linguagem - interfaces linguísticas, literárias e culturais**

BRITO, Luciana

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt

GABRIEL, Fábio Antonio

1ª Edição

Agosto de 2012

ISBN: 978-85-7961-967-0

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem  
prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

## CAMINHOS ECOCRÍTICOS PARA A LITERATURA AFRICANA: **EU, O POVO**, DE MUTIMATI BARNABÉ JOÃO, UM CASO EXEMPLAR

Márcio Matiassi Cantarin<sup>50</sup>

António Augusto Melo de Lucena e Quadros, pintor e poeta nascido em Viseu, Portugal, assina sob o pseudônimo de Mutimati Barnabé João o lendário<sup>51</sup> volume de poemas *Eu, o povo - poemas da revolução*, publicado em 1975, ano da independência de Moçambique, fato – entre outros – que faz com que seja reconhecido como poeta moçambicano (MIRANDA, 2010). Nas palavras do próprio autor, no prefácio da primeira edição, “Mutimati é a voz individual que corporifica a voz coletiva” de modo que podemos trabalhar – não sem ressalvas – com a ideia de que nos poemas estão contidos os princípios de uma moral, consciência e expressão coletivas<sup>52</sup>.

Partindo dessa premissa, nosso objetivo é verificar como o povo de Moçambique concebia sua relação com o mundo natural, como intentava uma “parceria” com a terra e os seres para poder superar o estágio de miséria e abandono em que se encontravam. Há que se ressaltar que tal situação devia-se em grande medida à mecânica da ação colonizadora em relação ao mundo natural. O discurso colonial, em sua pretensão civilizadora, sempre enxergou a proximidade do nativo com a natureza como índice de primitivismo, portanto estágio a ser superado.

Para analisar essa relação do homem na natureza, que em última instância remete à separação/distanciamento entre cultura e natureza, lançamos mão dos pressupostos da Ecocrítica. A exemplo do feminismo e do marxismo, a Ecocríti-

---

50. Doutor em Letras / Literatura e Vida Social pela Universidade Estadual Paulista – UNESP / Campus Assis. Professor colaborador do Centro de Letras, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP / Campus Jacarezinho. Contato: cantarin@gmail.com

51. Segundo Nelson Saúte, a lenda dizia ter sido o livro encontrado como testamento de um guerrilheiro caído na frente do combate revolucionário (apud FANHA, 2010).

52. Para o antropólogo José F. T. P. Teixeira (2010), só a atitude voluntarista própria do tempo da obra pode fazer com que se acredite nessa “autoria do povo”.

ca configura-se como uma modalidade política de crítica, que se baliza por um projeto moral e político “verde” (GARRARD, 2006, p. 14). Ela se propõe à análise “literária” ou “cultural” do fato ecológico e das catástrofes, observando as representações e implicações da ruptura da harmonia do homem com a natureza (GARRARD, 2006, p.13). Nas palavras de Glotfelty, “A ecocrítica procura avaliar os textos e as idéias em termos de sua coerência e utilidade como respostas à crise ambiental” (GLOTFELTY, *apud* GARRARD, 2006, p. 15).

A escolha dessa modalidade crítica para análise da literatura africana se sustenta na constatação de Garrard de que um caminho pouco explorado pela ecocrítica tem sido o *locus* de encontro da crítica ambientalista com a política colonial de resistência à globalização econômica. E isso pode ser amplamente observado em obras vinculadas ao contexto de países que vivenciaram largamente a experiência do colonialismo, como no caso de Moçambique. A leitura por este viés assegura, por exemplo, total coerência/razão – e não ignorância ou misticismo – à desconfiança/resistência do camponês para com o progresso/tecnologia/modernidade, dada a maneira como tudo foi imposto, primeiramente pelo colonialismo e mais tarde pelo capitalismo corporativo. É o que se observa, por exemplo, em poemas como “Semeadura”, transcrito adiante.

O *modus operandi* exploratório do colonialismo português, por via de regra, não teve pudor em destruir por completo e exaurir as riquezas das terras colonizadas. Sabe-se que nesta ação sempre cooptaram mão-de-obra nativa e à força do discurso foram aos poucos imbuindo os colonizados do ideário de acúmulo do capitalismo expansionista que ganhou enorme impulso na era das grandes navegações. Ao discurso colonial-capitalista sempre esteve somado o discurso judeu-cristão que autoriza boa fé aos que subjuguem e dominarem a terra

Por este viés pode-se dizer que a ação do povo no pós-independência também será colonizadora/dominadora, na medida que visa domar (escravizar?) águas, ventos e animais, não reconhecendo valor *per si* das forças naturais, senão quando postas a serviço do homem (quase seria possível dizer “do partido”):

(...)

Mas há rios pequenos em todas as partes  
Do tamanho da força dos homens e mulheres de uma aldeia  
Com força para carregar pedras e árvores  
E fazer um tapamento útil num rio pequeno  
Para juntar a água sem disciplina na calma funda  
E aproveitar essa calma funda para distribuição  
Às coisas necessárias e seres dependentes do Homem.

(...)

Eh! Camaradas. Esta aldeia tem um rio desempregado  
Não pode ser mais. Não falta trabalho.

Vamos levar este rio a fazer autocrítica e a produzir.  
Falta só criar as condições convenientes com nossa força.  
Vai ter Caborinha Bassa nesta aldeia  
E um rio com juízo e trabalhador.  
(...) (JOÃO, 2008, p. 57)

Ou

Entre Kaúle e Mapapaia vi um elefante abrindo o trilho  
Mais depressa que a máquina de destronca  
Este elefante estava no trilho da sua conveniência  
Mas não estava na linha correcta da Frente de Libertação.

Quando o Povo mandar na sua terra  
Vai haver Instrução Política para elefante abrir trilhos correctos  
(JOÃO, 2008, p. 63)

É obvio, no entanto, que a tônica do discurso agora é outra. Entre matar manadas de elefantes e zebras para aproveitar somente o marfim e o couro ou utilizar alguns exemplares, como animais de tração, vai uma grande diferença. Assim, não queremos emitir um juízo de valor da obra quando dizemos que ela ainda reflete alguma ação colonizadora (agora do povo sobre os animais). Em verdade, não há como cobrar que uma “consciência ecológica”, como se entende hoje o termo, estivesse presente em obras do passado. É preciso tomar certo cuidado metodológico, pois, “Como toda forma de crítica literária que parte de um programa político, a Ecocrítica pode degenerar em vigilância ideológica burra” (TEIXEIRA, 2010).

Para Garrard (2006), seria um anacronismo imperdoável “exigir posturas ambientalistas de obras do passado”. Outrossim, é importante frisar que a propalada harmonia do indígena com a natureza é uma metáfora por vezes duvidosa. Mesmo longe do âmbito da ação do discurso judeu-cristão, não houve agrupamento humano que não tentasse se impor culturalmente sobre a realidade natural.

*Eu, o povo* representa uma (re)tomada de consciência – ou ao menos é um apelo para essa necessária postura – do nativo para o fato de a natureza ser-lhe mais útil como aliada que como inimiga. Em tempos da descolonização, tempos em que se misturaram a euforia da independência com o completo caos da ausência de serviços públicos os mais essenciais (em face da debandada dos portugueses para África do Sul ou de retorno à metrópole), urgia reencontrar uma identidade para construir a nova nação; *Eu, o povo* apela nesse sentido para a re-ligação do homem de Moçambique com os elementos na terra-mãe.

Não se trata – talvez nem de longe – de uma relação de respeito ao valor intrínseco da vida animal como sagrada porquanto semelhante à humana; o homem continua a ser o senhor da terra, dono da criação, a dispor dos seres e coisas do universo, agora para atender às necessidades do ideário do partido, a Produção. Ainda assim, há de se pensar que se trata de um avanço em relação à postura depredatória do ideário colonialista. Mal comparando, *Eu, o povo* é uma apologia ao “desenvolvimento sustentável” – termo muito na moda – que para alguns só faz mascarar o paradigma imperante da produtividade (BOFF, 1995, p. 105-7), mas ao menos garante certa durabilidade e sobrevida de alguns recursos indispensáveis a manutenção da vida das futuras gerações (e admita-se que isso é melhor que nada!).

O poema que empresta o nome à coletânea é o que melhor explicita essa dicotomia de Extrativismo Colonialista *versus* Sustentabilidade Nacionalista:

Eu, o Povo

Conheço a força da terra que rebenta a granada do grão

Fiz desta força um amigo fiel

O vento sopra com força

A água corre com força

O fogo arde com força

(...)

Eu, o Povo

Vou aprender a lutar ao lado da Natureza

Vou ser camarada de armas dos quatro elementos.

A tática colonialista é deixar o Povo ao natural

Fazendo do Povo um inimigo da Natureza.

Eu, o Povo Moçambicano

Vou conhecer as minhas Grandes Forças todas. (JOÃO, 2008, p. 45)

As forças naturais como que são convocadas a se alinharem nas fileiras da Resistência, para “lutar ao lado”, como “camarada de armas” dos integrantes da FRELIMO.

O respeito às coisas da terra, nomeadamente os animais, se contrapõe ao ímpeto colonialista de exploração desmedida. No entanto, só em breves relances é sugerido algum valor intrínseco para a natureza. Antes, segue-se aquele padrão judeu-cristão do “Dominai sobre os bichos da terra e submetei-os”. As forças da natureza só são respeitadas na medida em que puderem ser domadas para os fins da Produção (com letra maiúscula mesmo): zebras no arado, elefantes abrindo estradas, rios represados.

(...)

Um boi grande ligado a uma engrenagem de movimento

Um casal de zebras atrelado a um arado

Um elefante manso a puxar troncos enormes

(...) (JOÃO, 2008, p. 71)

(...)

Nos meus braços que vão crescer vou estender panos de vela

Para agarrar o vento e levar a força do vento à Produção.

As minhas mãos vão crescer até fazerem pás de roda

Para agarrar a força da água e pô-la na Produção.

Os meus pulmões vão crescer soprando na forja do coração

Para agarrar a força do fogo na Produção.

(...) (JOÃO, 2008, p. 45)

Ou ainda

Esta árvore amiga é o inimigo

Destroncar esta árvore é uma operação contra o inimigo.

(...)

E vai servir derrubado melhor que em pé

Pois se que esta terra é boa para uma árvore tão alta

Há-de ser muito boa para dar machamba.

(...)

Por onde passa o Exército de Libertação

Fica um rasto verde e cheiroso e o caminho aberto

Para passar a Liberdade e o Futuro.

(...)

Em muitos momentos depreende-se um carácter quase didático, de manual de instruções e práticas (tal qual nas *Geórgicas*, de Virgílio), a ensinar o povo técnicas agrícolas mais adequadas à realidade moçambicana:

O camarada camponês vai aprender esta lição

Vai arranjar uma mecânica de pau e machado

Vai por quatro paus andando à roda

Do pau prumo deitado de face ao vento.

Com quatro velas de quatro sacas para encher de vento

Vai levar o vento a fazer força em redondo

Vai levar a força redonda até ao pilão de pedra

(...) (JOÃO, 2008, p. 55)

Quando não, também aparece crítica irônica às técnicas bélicas de “semeadura” do ocidente:

(...)

Aquele pássaro de ferro e o seu excremento poderoso  
Vieram fazer a queimada fora do tempo  
Deve ser uma nova técnica agrícola científica  
Que tem de queimar tudo até água  
E mesmo até um monitor agrícola.  
Tenham muito respeito camaradas  
Grandes cabeças do Ocidente pensaram muito.  
Grandes cabeças sem cabelo cheias de papas de café com aspirina  
Decidiram que sabiam resolver da nossa Agricultura  
E mostrar ao monitor Rafael que ele perdia Razão  
Quando dizia da queimada é contra o Povo  
Porque mata na terra as sementes do Futuro.  
(...) (JOÃO, 2005, p. 35).

Nas palavras de José Forjaz, tais textos seriam “a foice e o martelo poéticos com que se constroem ideias e países nos momentos em que a poesia só é literatura depois de ser ferramenta ideológica” (2008, p. 13). Ora, se é necessário naquele momento que o poema seja mais ferramenta que obra de arte (e não vai nada de errado nessa observação), não poderá ser de maneira diferente com zebras e elefantes: todos foice-e-martelo a serviço da revolução.

Parece mesmo se tratar de um estágio intermediário na tomada de consciência. Se por um lado não se pode falar de “consciência ecológica” no sentido hoje corrente do termo, por outro é salutar que esteja presente a ideia de que separar o homem da natureza é “estratégia colonialista”, é estratagem discursivo com finalidade bem definida. Se a relação ainda é desigual, com a supremacia do humano, por certo está mais próxima a desejada simbiose, porquanto há consciência de que se deve buscá-la:

Aprendi na 1ª classe que a abelha Z zê zumbe zangada

(...)

E vive em comunidade chamada colmeia organizada

(...)

Vejo os rapazes subindo no imbondeiro com archotes

Com sacos na cabeça a ao riso no meio do fumo.

Sei que vão destruir as amigas úteis na fábrica

E que deve haver uma maneira de dividir entre homem e abelha

Que deixe os dois satisfeitos produzindo melhor.



Os livros da leitura da Instrução Primária  
Têm de ser o Manual de Instrução da Fábrica da Abelha.

Não sei ensinar nada. Não aprendi nada da Abelha Insecto.  
Z Z Z. Estou zangado. (JOÃO, 2008, p. 43)

Como também se pode observar em:

(...)

Vai usar [o povo] a boa armadilha antiga que não espanta a caça

Vai respeitar a cria e a fêmea cheia

(...)

O animal bravo nasceu e vive nesta terra dele e nossa

(...) (JOÃO, 2008, p. 63)

Num tempo em que se julgou prescindir de armas de fogo (logo em seguida elas teriam que ser retomadas em guerra civil), a poesia como “ferramenta ideológica” chamará os moçambicanos às armas possíveis, “armas de construção em massa”, como diria Mia Couto: fogo, terra, água e vento, zebra e elefante.

\* \* \*

Quase eclipsados em meio à apologia da Produção que reclama o utilitarismo das forças naturais, ora “colonizadas”, aparecem duas composições onde se fazem presentes laivos de uma consciência ecológica mais profunda. Em “Palavra de ordem: matar a árvore” o autor dá a entrever “o espírito de um sofrimento que se esperançava escusado” (FORJAZ, 2008, p. 15).

(...)

Desde a Machava à Matola

A árvore é inimiga

E aqui tem seu matadouro

Num futuro já de luto

Com sede, fome e sol quente

Buscaremos sombra e fruto

Na estupidez do presente... (JOÃO, 2008, p. 14)<sup>53</sup>

53. Este poema não fazia parte originalmente da coletânea. Trata-se de um inédito, oferecido a José Forjaz e publicado na edição de 2008, como parte do prefácio.

O poema é antes crítica desmascarante da estupidez e arrogância dos ex-camaradas no poder, que, passado o primeiro momento de euforia, “depressa souberam teorizar as razões do seu emburguesamento emergente” (FORJAZ, 2008, p. 15). De alguma maneira o poema traz à memória o discurso do cacique Seattle, marco para os defensores da ecologia profunda: “Sua voracidade [do homem branco] arruinará a Terra, deixando para trás apenas um deserto” (*apud* BOFF, 1995, p. 338).

Já em “Ar condicionado” está presente o sentimento ecológico em sua acepção mais profunda, a que se refere a “casa” (do grego *oikos*): o homem só será pleno, inteiro, “de acordo” consigo, quando estiver em íntima união, quando uno com o todo, representado na natureza de sua terra natal.

Estava um dia voando à altura da Lua olhando em baixo  
 Indo muito depressa para o Norte e estava sabendo  
 Que faltava alguma coisa à minha pessoa.  
 Estava um dia olhando a Praça Vermelha de Moscovo (Rússia)  
 Estava com os camaradas do meu curso e estava sabendo  
 Que a pessoa minha melhor não estava toda.  
 Estava um dia vestido de branco na neve  
 Bafando devagarinho entre os dentes e estava sabendo  
 Que alguma coisa subtraída da minha pessoa  
 Não estava de acordo.

.....  
 Estou inteiramente na minha pessoa muito quieto  
 Deitado de barriga na pedra quente debaixo do sol quente  
 Olho o imbondeiro, o elefante, o morro de pedra  
 São feitos do mesmo material cinzento muito velho  
 Estão os três de acordo.  
 Estamos de acordo os quatro.  
 Estou finalmente de acordo. (JOÃO, 2008, p. 27)

O retorno da Rússia à África (mas poderia ser de qualquer lugar para a terra natal) é mais que um transpor geográfico, é o cruzar de outras latitudes, para o reencontro do homem com o *oikos*, a morada perdida em seu próprio âmago. O homem só estará “finalmente de acordo” quando se sentir consubstancial ao vegetal, animal e mineral (imbondeiro, elefante, morro de pedra), os quatro feitos da mesma e antiquíssima matéria que a tudo originou indiscriminadamente. (Posto está que quem discriminou e hierarquizou toda a criação foi o homem, ironicamente o ser mais tardio no grande evento da Vida e da História).

Retomando, para concluir, a consideração de Garrard (2006, p.15) que um caminho pouco explorado pela ecocrítica tem sido o *locus* de encontro da crítica

ambientalista com a política colonial de resistência à globalização econômica, pode-se pensar que haja aí um largo caminho para a crítica no meio acadêmico, desde que essa se mostre liberta de algumas amarras estruturalistas e assuma seu papel político em face de questões que carecem de reflexão e intervenção urgente, como é o caso da tão falada "crise ecológica". Afinal, Garrard (2006, p. 141) já aventou que o discurso apocalíptico sobre o meio ambiente talvez não seja uma previsão do fim do mundo, mas uma exortação para evitá-lo.

Nas palavras de Teixeira, desde que exercida com sutileza, a Ecocrítica

é uma abordagem nova para um dilema ancestral – a relação (ou o choque) entre cultura e natureza. E é, sobretudo, um sopro revigorante em departamentos de letras dominados pelo pós-modernismo, pós-estruturalismo e desconstrucionismo – essas escolas de origem francesa que se enredavam no exame do "discurso", a ponto de obliterar qualquer realidade externa às palavras. (TEIXEIRA, 2010)

A pretensão maior do presente texto, dada a exiguidade do espaço para discussões mais aprofundadas, foi mesmo apresentar e/ou dar visibilidade a essa modalidade crítica ainda incipiente no meio acadêmico brasileiro, por acreditar que possa contribuir para ampliar o leque de perspectivas dos estudos literários e culturais. Zebra, rio, elefante e floresta tropical são palavras, mas também são coisas. Oxalá continuem sendo assim.

## Referências

BOFF, L. *Dignitas Terrae. Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo, Ática, 1995.

FANHA, J. *Mutimati Barnabé João*. Disponível em: < <http://queridasbibliotecas.blogspot.com/2009/07/mutimati-barnabe-joao-mocambique.html> > . Acesso em: 16 set. 2010.

FORJAZ, J. *Recordando António Quadros* – Nota introdutória à edição da Biblioteca dos Editores Independentes. In: JOÃO, M.B. *Eu, o povo*. Biblioteca dos Editores Independentes: Lisboa, 2008. p. 11-15.

GARRARD, G. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora UnB, 2006.

JOÃO, M.B. *Eu, o povo*. Biblioteca dos Editores Independentes: Lisboa, 2008.

MIRANDA, A. *Poesia Africana*. Disponível em: < [http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_africana/mocambique/mutimati\\_barnabe\\_joao.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_africana/mocambique/mutimati_barnabe_joao.html) > . Acesso em: 11 set. 2010.

PIMENTEL TEIXEIRA. J.F.T. *Eu, o povo, de Mutimati Barnabé João*. Disponível em: < <http://ma-schamba.com/literatura-mocambique/eu-o-povo-de-mutimati-barnabe-joao/> > . Acesso em: 11 set. 2010.

TEIXEIRA, Jerônimo. Disponível em: < [http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/estante/estante\\_263488.shtml](http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/estante/estante_263488.shtml) > . Acesso em: 11 set. 2010.